

## CONSTRUCIONALIZAÇÃO COM DAR: UM OLHAR PARA O VERBO SUPORTE E PARA AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Patrícia de Carvalho Pires (UESB)

[patycpires@hotmail.com](mailto:patycpires@hotmail.com)

Amanda Moreno Fonseca de Andrade (UESB)

[amfandrade65@gmail.com](mailto:amfandrade65@gmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valeria.viana.sousa@uesb.edu.br](mailto:valeria.viana.sousa@uesb.edu.br)

### RESUMO

O português brasileiro, como toda língua, constantemente passa por processos de mudança linguística, o que certifica o seu caráter adaptativo e flexível. Ao ser utilizada em situações comunicativas naturais e espontâneas, os falantes se apropriam da língua e das diversas possibilidades de uso para melhor se expressarem, permitindo, portanto, a transformação, a inovação e o surgimento de novas construções a partir de construções já existentes. Partindo dessa perspectiva, observamos, a partir da análise da construcionalização com o verbo *dar* – que os falantes criam novas construções de uso. Diante disso, ancorados à Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, objetivamos investigar o processo de mudança linguística com o verbo *dar*, visto que, nesse processo, há o surgimento de nova forma e nova função, em ocorrências do tipo: dá prosseguimento e dá em cima, que – por meio do encadeamento de cada item – apresentam um novo nó construcional, o qual vai sendo rotinizado e convencionalizado na língua ao longo do tempo. Para isso, consideramos, para análise, excertos de fala extraídos dos *corpora* do português popular e culto de Vitória da Conquista-BA, uma vez que apresentam construções reais de uso.

### Palavras-chave:

Expressões idiomáticas. Verbo suporte. Construcionalização como verbo *dar*.

### ABSTRACT

Brazilian Portuguese, like any language, is constantly undergoing processes of linguistic change, which certifies its adaptive and flexible character. When used in natural and spontaneous communicative situations, speakers appropriate the language and the various possibilities of use to better express themselves, thus allowing for transformation, innovation and the emergence of new constructions from existing constructions. From this perspective, we observe, from the analysis of the constructionalization with the verb *dar* – that the speakers create new constructions of use. Therefore, anchored to Functional Linguistics Centered on Use – LFCU, we aim to investigate the process of linguistic change with the verb *dar*, since, in this process, there is the emergence of a new form and a new function, in occurrences of the type: gives continuation and it turns out that – through the chaining of each item – they present a new constructional node, which is routinized and conventionalized in the language over time. For this, we considered, for analysis, excerpts of speech extracted from the corpora of Popular Portuguese and Cult of Vitória da Conquista-BA, since

they present real constructions of use.

**Keywords:**

**Idiomatic expressions. Verb support. Constructionalization with the verb to give.**

## **1. Introdução**

Ancorados aos estudos da Linguística Funcionalista – que se concentra em analisar a função que a estrutura linguística desempenha no ato comunicativo – compreendemos a língua como um mecanismo dinâmico, flexível e sensíveis às pressões de uso. Assim, os falantes, no momento da interação sociocomunicativa, se apropriam da língua e das diversas possibilidades de uso para expressar suas ideias, pensamentos e intenções. Dessa forma, verificamos que constantemente o sistema linguístico adapta-se ao processo de transformação, inovação e mudança.

Cientes de que frequentemente novas formas e novas funções vão se formando e se convencionalizando na língua, a partir da análise do nosso objeto de estudo – a construcionalização com o verbo *dar*, objetivamos investigar e analisar o processo de mudança linguística, especificamente, a construcionalização de forma-função com o *dar*. Para a realização da presente pesquisa, à luz da Linguística Funcionalista Centrada no Uso (LFCU) – vertente que lança o olhar para o funcionamento da língua –, selecionamos os *corpora* do português culto e popular de Vitória da Conquista-BA, visto que tais *corpora* representam a materialização dos traços espontâneos da língua.

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: após esta Introdução, na seção 2, intitulada “Linguística Funcionalista Centrada no Uso”, abordamos alguns princípios e conceitos da perspectiva adotada. Em seguida, na seção 3, “*Corpora* da pesquisa”, descrevemos os *corpora* utilizados. Posteriormente, na seção 4, “Análise e discussão dos dados”, expomos, de maneira breve, a análise dos dados e na seção 5, apresentamos as “Considerações finais”.

## **2. Linguística Funcionalista Centrada no Uso**

A Linguística Funcionalista Centrada no Uso (LFCU) é uma perspectiva que se constrói, atualmente, do diálogo da Linguística Funcionalista Norte-Americana (representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott e Joan Bybee) com a Linguística Cognitiva (nos moldes

de George Lakoff, Ronald Langacker e William Croft, entre outros) e com a Gramática de Construções (modelo desenvolvido por Adele Goldberg e de William Croft). Hodiernamente, no Brasil, essa tendência teórica se encontra nos estudos de Martelotta (2011), Cezario e Furtado da Cunha (2013), Rosário e Oliveira (2015). Fruto desse diálogo, a Linguística Funcionalista Centrada no Uso é uma abordagem teórica que depreende o uso linguístico como resultante das motivações advindas de distintas instâncias: as estruturais, as cognitivas e as socioculturais (Cf. OLIVEIRA, 2015).

Esse aporte teórico expõe a importância de analisar a língua sob um viés mais holístico, ou seja, sob uma análise que, conforme o modelo de Croft (2001), compreende todos os níveis da forma, os quais se constituem das propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, bem como da função, a qual se compõe das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Dessa forma, considera-se que o falante, ao estabelecer uma relação comunicativa, utiliza – a partir dos seus mecanismos cognitivos – os padrões linguísticos disponíveis e as propriedades contextuais que o norteiam para atender suas necessidades e intenções.

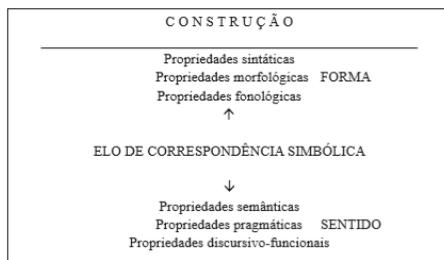
Oportuno destacarmos que os estudos funcionalistas – ao propor a interface Funcionalismo e Cognitivismo – assumem a postura de que os elementos linguísticos, os mecanismos cognitivos e sociocomunicativos são fatores que promovem e motivam o uso efetivo da língua. Posto isso, importante destacarmos que, nos estudos da Linguística Cognitiva, o sistema linguístico é visto como um reflexo das habilidades cognitivas, as quais vão sendo construídas, categorizadas, memorizadas, armazenadas – na mente do indivíduo – e materializadas em um processo de interação discursiva. Já no Funcionalismo, a língua é vista como um sistema em constante mutação, uma vez que vai sendo moldada, modificada em situações constantes de uso (Cf. MARTELOTTA, 2011; CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA, 2013). Desse modo, a interface Cognitivo-Funcional assume que os processos gerais de pensamento – os quais permitem a criação, por exemplo, de novas formas e novos significados – refletem na linguagem, uma vez que compreendem que esses mecanismos mentais determinam construções que se adequem e se adaptem a diferentes situações de interação (Cf. CUNHA, 2018).

Com o diálogo estabelecido entre a Linguística Funcionalista e a Linguística Cognitiva, a Linguística Funcionalista incorpora, ao seu quadro teórico, alguns aspectos da Gramática de Construções. Diante disso, é importante apresentarmos alguns princípios da Gramática de Constru-

ções sobre a língua em uso. Segundo Goldberg (1995; 2006), a língua é uma construção gramatical que se constitui do pareamento convencionalizado entre forma e função. Construção, por sua vez, é visto por Bybee (2016 [2010]) como um conjunto de construções que configura o inventário da língua; já para Croft (2001), construção é organizada pelos eixos centrais: forma e função, uma vez que os elementos sintáticos, morfológicos e fonológicos pertencem ao polo da forma; e os componentes semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais correspondem ao polo da função.

Essa correspondência simbólica – vinculada, integrada e interconectada – é arquitetada por Croft (2001) da seguinte forma.

Figura 1: Modelo de estrutura simbólica da construção radical.



Fonte: Croft (2001, p. 18)

Ao observarmos o quadro proposto por Croft (2001), percebemos que as propriedades são correlacionadas, uma vez que essa proposta se propõe a considerar o vínculo correspondente entre cada propriedade dos eixos da forma e da função. Assim posto, ressaltamos que a língua é um conjunto de construções, a qual se constitui das correlações forma-função (Cf. BYBEE, 2016 [2010]) e se organiza hierarquicamente em formato de rede em que os nós são interconectados por elos os quais permitem que as construções sejam estabelecidas de maneira hierárquica e contínua (Cf. LANGACKER, 1987).

Ao postular a relação estreita entre forma e função linguísticas, a vertente em análise determina que a língua, formada por um inventário de correlações entre forma-função (Cf. BYBEE, 2016 [2010]), configura-se como um conjunto de construções, que se organiza como uma rede de nós interligados por elos, estabelecendo, conforme Langacker (1987), uma hierarquia em sua organização, ou seja, a língua é entendida, por es-

se modelo, como uma rede organizada em nós, os quais são unidos/ligados por elos que exercem a função de possibilitar o surgimento de novos nós que são construídos e estabelecidos de maneira hierárquica.

Diante do exposto, ressaltamos que os falantes – em situações de interações discursivas – criam novas formas e negociam novos significados, o que certifica a constante mudança no sistema linguístico. Assim, reiteramos que mudança linguística é um processo inerente à língua, uma vez que essa – devido ao uso – se encontra em constante processo de mutação e evolução. Alinhados a isso, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) postulam que a mudança linguística resulta de dois significativos processos: as mudanças construcionais e construcionalização.

As mudanças construcionais são processos de alteração em que os traços de construções já existentes são modificados. Tais alterações que levam a constituição de novas construções ocorrem ou no eixo da forma (morfologia, sintaxe, fonologia) – ou no eixo do significado (semântica, pragmática, discursivo-funcional), como nos exemplos (1) e (2):

- (1) INF: *Ela me deu esse celular, porque na hora que precisa ela bate o celular [...]* (MJPS Corpus PPVC)
- (2) INF: *Quando eu fico ansiosa, às vezes me dá taquicardia.* (ASA Corpus PCVC).

Na sentença (2), notamos que houve mudança linguística do verbo *dar* por meio do processo da mudança construcional, uma vez que a mudança ocorreu apenas no polo funcional. Observemos que o *dar*, no exemplo (1), pertence à categoria de verbo pleno, uma vez que exerce função semântica (*transferência*) e forma (verbo predicador) prototípicas; já em (2), esse verbo continua sendo um verbo predicador (eixo da forma), entretanto, apresenta expansão semântica (eixo da função) ao adquirir valor semântico-pragmático-discursivo de *causa*.

Já o processo de construcionalização, apropriando das palavras de Rosário e Oliveira (2016), é a construção de pares de forma nova com função (significado) nova. Em outras palavras, o processo de construcionalização acontece quando há criação de novas unidades, ou seja, novas estruturas e novos significados – em contexto de uso – são formados. Como ilustração, analisamos a construção a seguir.

- (3) INF: *Chovê aqui se eu lembro aqui agora dá um branco [...]* (ACM Corpus PPVC)

Em (3), a expressão idiomática *dá um branco* demonstra que as unidades linguísticas passaram por negociação de inferências sugeridas nesse contexto discursivo, pois houve a criação, a partir de sentenças já existentes, de nova unidade construcional, ou seja, uma nova estrutura (forma) e um novo significado (função). Verificamos, assim, que cada unidade distancia de sua prototipicidade quando consideradas um todo significativo. Dessa maneira, ao adquirir nova estrutura, a construção *dá um branco* apresenta valor pragmático-discursivo-funcional (*esquecimento*).

Vale salientarmos, diante do exposto, que a mudança linguística – inerente à língua – é um fenômeno linguístico que ocorre a partir dos processos de mudança construcional e de construcionalização, visto que tais mudanças surgem de construções previamente existentes.

Na seção seguinte, discorreremos sobre os *corpora* da pesquisa.

### **3. Corpora da pesquisa**

Para o desenvolvimento do presente trabalho, recorreremos às situações reais discursivas, uma vez que os elementos linguísticos são compartilhados, moldados, adaptados e criados pelos falantes em distintas interações uso.

Com o intuito de buscar ocorrências que refletem maior expressividade linguística, selecionamos, para as amostras da presente pesquisa, os *corpora* do português culto de Vitória da Conquista (PCVC) e do português popular de Vitória da Conquista (PPVC), extraídos do banco de dados do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo/CNPq – Grupo JANUS. Esses *corpora* foram organizados com entrevistas realizadas entre 2011 e 2015 pelos integrantes do Grupo JANUS, que fazem parte do Projeto de Pesquisa “Estudos de fenômenos linguísticos na perspectiva sociofuncionalista a partir da descrição e análise do *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa (PPGLin/UESB).

Os *corpora* observados são constituídos por entrevistas orais, as quais foram realizadas a partir de uma interação comunicativa entre o informante – pertencente à comunidade conquistense – e o entrevistador. A amostra para a realização da pesquisa é construída da seguinte forma: 48 (quarenta e oito) gravações realizadas. Desse total, 24 (vinte e quatro) entrevistas foram realizadas com falantes que tinham, no mínimo, 11 (onze)

anos de escolaridade, constituindo assim o *Corpus* do português culto de Vitória da Conquista; 24 (vinte e quatro) entrevistas executadas com informantes sem escolaridade ou com apenas 5 (cinco) anos de escolarização, formando o *corpus* do português popular de Vitória da Conquista. Em cada amostra de 24 (vinte e quatro) entrevistas, há 12 (doze) informantes pertencentes ao sexo feminino e 12 (doze), ao sexo masculino. Considerando os critérios mencionados, os *corpora* foram divididos em três faixas etárias: (i) faixa etária I (15 anos a 25 anos de idade); (ii) faixa etária II (26 anos a 50 anos de idade) e (iii) faixa etária III (mais de 50 anos de idade).

Assim posto, destacamos que os *corpora* escolhidos nos permitem a realização da análise de dados reais/ empíricos, uma vez que a modalidade oral (por meio do gênero entrevista) possibilita uma aproximação maior com os traços espontâneos da língua. Nesse sentido, as construções criadas por cada falante em determinadas situações de interação representam a materialização de uma organização que se constitui por meio de fatores linguísticos, cognitivos, sociais e culturais (Cf. OLIVEIRA, 2015).

Na próxima seção, apresentamos, brevemente, a análise dos dados.

#### **4. Análise e discussão dos dados**

Ao observarmos o Português Brasileiro, constatamos que a variação e a mudança – motivadas por fatores linguísticos, por mecanismos cognitivos e por fatores extralinguísticos – expõem o caráter adaptativo e flexível do sistema linguístico, o qual é utilizado pelo homem em situações comunicativas naturais e espontâneas. Ancorados a essa percepção, salientamos que os fenômenos da língua surgem das pressões de uso e, por isso, não podem ser compreendidos fora do contexto (social, cultural e cognitivo) em que os falantes estão envolvidos (Cf. CEZÁRIO; VOTER, 2018).

Assim, reiteramos que reconhecermos a língua em situação de uso, uma vez que exposta em diversos contextos de interação discursiva revela sua dinamicidade, a sua flexibilidade e a sua emergencialidade, contribuindo, dessa maneira, para que as propriedades linguísticas sigam em constante mutação, transformação e inovação. Para compor discussões a esse respeito, tomamos, como exemplo, o nosso objeto de estudo,

uma vez que o *dar* é um verbo multifuncional que – constantemente – passa por processo de mudanças e inovações quando inseridos em distintos contextos comunicativos.

Partindo do princípio de que a variação e a mudança linguística são inerentes à língua portuguesa falada no Brasil, constatamos que os elementos linguísticos, contextuais, sociais e cognitivos são fatores que contribuem para a transformação, a evolução (mudança) e o surgimento de novas construções no sistema linguístico.

Alinhados ao que foi discorrido, mostraremos - por meio das ocorrências com o *dar* – que a mudança linguística – a qual acontece por meio dos processos de mudanças contrucionais (mudanças que alteram características de uma construção já existente) e construcionalização (processo que resulta na criação de nova forma e nova função) (Cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]) – ocorre gradualmente no curso da interação dos falantes quando estão inseridos em um processo discursivo.

A análise das ocorrências permitiu identificar distintas categorias as quais o *dar* passa a pertencer quando inserido em diferentes contextos de uso, a saber: verbo pleno (como objeto de natureza concreta), verbo pleno (com objeto de natureza abstrata), verbo não pleno, verbo suporte e expressões idiomáticas.

Na condição de pleno com objeto de natureza concreta e/ou abstrato, o *dar* exerce função de predicador da oração, apresenta noção de transferência e projeta três argumentos: um sujeito agente (humano), um objeto com o traço [+concreto ou + abstrato] e o sujeito paciente. Isto é, em sua função prototípica, o verbo em análise mantém suas propriedades morfossintáticas e semânticas, uma vez que há um doador, na posição de sujeito; um objeto a ser dado (concreto ou abstrato), na posição de objeto direto; e um receptor, na posição de objeto indireto. Para ilustrar essa definição, observemos o enunciado (4) e (5):

(4) INF: *Aí o pai dá um livro pra ele.* (JLS Corpus PCVC)

(5) INF: *Como minha mãe é tudo bom, né? Ela brinca comi.:go as vez eu dou carinho pra ela... ela dá carinho pra mim.* (LBR corpus PPVC)

Em (4) e (5), respectivamente, o sujeito agente transfere um objeto concreto/abstrato a um sujeito paciente. Respectivamente, temos um sujeito agente (pai/eu) responsável pela transferência física (entrega, do-

ação) de um objeto concreto (livro) e abstrato (carinho) a um destinatário (representado pelos pronomes ele e ela, respectivamente).

Nesse sentido, como o processo de mudança linguística ocorre, inicialmente, pelos processos cognitivos e contextuais, sendo materializadas nas construções linguísticas em situações discursivas, observemos – no enunciado (6) – a construção – que por processo de mudança construcional – adquire nova função, vejamos a seguir:

- (6) INF: *Na televisão que só vai dá angústia jo... só vai dá medo então na hora que cê tá almoçando você nem vai conseguir digerir essa comida magine aquel' sofrimento [...]* (JVB corpus PCVC)

Verificamos no excerto (6) que o *dar* permanece como verbo predicador, ou seja, é núcleo da oração, entretanto apresenta uma expansão semântica – pragmática – discursivo, sendo denominado verbo não pleno, o que significa dizer que o verbo – na condição de não pleno – veicula acepções distintas, o que o torna um item polissêmico. Nessa construção, observamos que o *dar* sofreu um processo de mudança construcional, visto que apenas a propriedade da função distanciou do seu valor prototípico.

Além da possibilidade de expansão no polo da função, conforme visto no enunciado (6), há construções que em o verbo *dar* distancia da sua prototipicidade, passando por mudanças tanto no eixo da forma quanto da função. Vejamos as seguintes construções:

- (7) INF: [...] *cursá alguma coisa, que vai dá prosseguimento na carreira educacional deles do que havia na minha época.* (LMR corpus PCVC)
- (8) INF: *Graças a Deus! [ININT] e eu dava em cima... eu já namorava... eu não era assim... bonita não... mas eu conversava muito então eu já namorava, com nove anos quando eu voltei, nove, dez anos [...]* (DRP corpus PCVC)

No enunciado (7), *vai dá prosseguimento*, o *dar* perde seu valor morfossintático (verbo predicador) e semântico (valor de transferência). Nessa construção, o verbo – unido ao sintagma nominal – forma um todo significativo, podendo ser substituído pelo verbo equivalente *prosseguir*. No excerto (8), notamos que o *dar*, no exemplo *dá em cima*, associado aos demais elementos da expressão, forma uma unidade maior, distanciando do seu valor concreto, uma vez que adquire uma nova estrutura (re-

sultado do encadeamento das palavras) e um novo valor semântico-pragmático-discursivo (*demonstrar interesse*). Tal encadeamento expõe a projeção metafórica de tais construções, sendo possível compreendê-las, apenas, nos contextos as quais estão inseridas.

Verificamos, então, nos excertos (7) e (8), que tais construções ao serem combinadas com outras unidades linguísticas distanciam da sua estrutura e do seu significado primários, o que significa dizer que – em *dá prosseguimento* e em *dá em cima* – a prototipicidade do verbo em análise não permanece, uma vez que as construções (verbo suporte e expressão idiomática) só se constituem quando as partes são consideradas como elementos constituintes de um único bloco, formando o todo significativo.

Diante do exposto, reiteramos que o *dar* é um verbo que, ao ser inserido em distintos contextos de uso, está em constante processo de mudança linguística. Dessa maneira, é importante destacarmos que o verbo, na condição de não pleno, configura o processo de mudança construcional, já o *dar*, enquanto suporte ou expressão idiomática, configura o processo de construcionalização, visto que tais categorias certificam o surgimento de estrutura (forma) e sentido (função) que distanciam do seu valor de origem.

##### 5. *Considerações finais*

À luz dos estudos que consideram a língua em uso, o presente trabalho mostrou, a partir da análise das ocorrências, que o *dar* é um verbo produtivo, uma vez que, quando inseridos em processos comunicativos, constantemente passa por processos de mudança linguística.

À luz de teoria que versa sobre a funcionalidade da língua – a Linguística Funcionalista Centrada no Uso (LFCU) – a presente pesquisa revela o processo de mudança linguística do verbo *dar*, uma vez que migra do item mais lexical para o mais gramatical, ou seja, o verbo em análise distancia – em contextos de uso – da sua função mais concreta e passa a exercer uma função mais abstrata quando evidenciam o distanciamento da sua forma e/ou função prototípica, o que significa dizer que o processo de abstratização é o responsável pelo comportamento polissêmico do verbo *dar*.

Em processo gradual e *continuum*, verificamos que o *dar* – em distintas situações comunicativas – migra da categoria de verbo pleno – exercendo sua função prototípica – para a categoria de verbo não pleno,

uma vez que permite uma expansão semântica-pragmática-discursiva. O processo de migração evidencia, ainda, novas categorias, a de verbo suporte e de expressões idiomáticas, visto que o *dar*, nessas categorias, não exerce função de predicador (forma) nem valor semântico de *transferência* (função), posto que, respectivamente, assume papel de auxiliar de um sintagma nominal e de elemento integrante de uma expressão idiomática, o que faz adquirir um novo valor pragmático-discursivo-funcional.

Diante disso, reiteramos que o *dar* é um verbo multifuncional e que constantemente sofre mudanças linguísticas. A categoria de verbo não pleno configura uma mudança construcional, uma vez que a mudança ocorre apenas na propriedade da função, e as categorias de verbo suporte e expressões idiomáticas evidenciam o processo de construcionalização, visto que a mudança ocorre tanto na propriedade da forma quanto na propriedade da função.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição*. Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Apresentação. In: CEZÁRIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (Orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 7-11

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018 p. 141-55

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: OUP, 2006.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987. (v. 1)

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada*

no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C (Org.). *Linguística Centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina / Farpej, 2015.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. On-line)*, v. 60, p. 233-59, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.